

## A METÁFORA DO LABIRINTO NO CONTO DE JORGE LUIS BORGES

Douglas de Paula

*Professor de Teoria da Literatura da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC).*

Uma das imagens fascinantes nos contos de Jorge Luis Borges (1899-1986) é o labirinto. Quero aqui propor algumas linhas básicas para o estudo dos labirintos em Borges, a partir do conto “A casa de Astérion”, publicado no livro *O Aleph* (1949).

A identidade de Astérion é colocada sob reserva — não em segredo — desde o título. Nesse conto, Astérion é o Minotauro, e a “casa”, na verdade, é o famoso labirinto de Creta da mitologia grega.

O labirinto se instaura no conto de Borges como metáfora original que permite a atualização do mito no contexto da Modernidade. Segundo André Peyronie, ao desenvolver o verbete **Labirinto**, no *Dicionário de mitos literários*, podemos distinguir cinco grandes períodos que formaram, cada um a seu modo, uma certa imagem do labirinto. Para Peyronie (Brunel, 1998, p. 556),

Cada época parece servir-se dessa metáfora para figurar uma tensão fundamental à condição humana. A antigüidade clássica, por exemplo, o uno e múltiplo. A Idade Média, a horizontalidade e a verticalidade. A Renascença, o exterior e o interior. A época clássica, a realidade e a aparência. A época moderna, o finito e o infinito.

Em “A casa de Astérion”, verificamos a existência de várias dessas metáforas. A vivência de Astérion no labirinto remete-nos à questão do interior/exterior; a duplicidade do Minotauro refere-se à questão uno/múltiplo; a descrição do labirinto como “casa” sugere a rela-

ção realidade/aparência; a experiência angustiante de Astérion com o mundo de repetição no labirinto instaura a questão do finito/infinito.

A releitura de Borges da lenda grega “desloca” as referências clássicas, gerando um processo de estranhamento. Ao trabalhar na confluência do mito com a literatura, Borges não se limita a reproduzir a narrativa da lenda. João Alexandre Barbosa, em um artigo sobre Borges, ao comentar o processo de criação do autor argentino, afirma que:

Para chegar a isso, entretanto, ainda seria preciso passar por seguidas reflexões acerca do próprio processo de leitura envolvido *na e pela* matéria que faz do sonho um princípio fundamental da realidade. Uma leitura que não apenas decifra, mas recifra, escrevendo a obra que se lê. (Barbosa, 1999, p. 54)

No processo de criação de Borges, fica evidente um trabalho de *releitura* do mito, que, por estar envolvido na matéria original, redimensiona as condições de suas potencialidades simbólicas. O procedimento narrativo que possibilita essa *releitura/recriação* é o deslocamento da visão tradicional. Ao abandonar a perspectiva de Teseu para abraçar o ponto de vista do Minotauro, Borges não altera em nada a narrativa do herói que entra no labirinto, mata o monstro e sai do labirinto. O que Borges faz é colocar esses acontecimentos em segundo plano e centralizar sua atenção sobre o Minotauro.

Essa releitura de Borges se insere perfeitamente no quadro de atualização do mito proposto pela literatura do século XX. Segundo André Peyronie, no verbete *Teseu*, do *Dicionário de mitos literários* (Brunel, 1998, p. 875),

Com a reatualização do mito do labirinto, a situação evoluiu muito sensivelmente no século XX. Teseu se encontra bem no centro de uma apaixonada interrogação sobre o espaço, o ser e o devir. Mas ainda aí, o centro de gravidade da questão tende a deslocar-se para o Outro (o Minotauro), para a Iniciadora (Ariadne) ou para o construtor do labirinto (Dédalo).

Borges faz a escolha pelo Outro, confrontando a *diferença*, evidente na natureza do Minotauro (homem/animal), com a *repetição*, inerente à vida no interior do labirinto. O conto de Borges permite uma série de interpretações que levam em conta as contradições fundamentais da existência, vivenciadas por um ser que em si mesmo carrega o estigma da duplicidade.

Outro deslocamento operado por Borges na atualização do mito refere-se ao labirinto.<sup>1</sup> Segundo a mitologia grega, Poseidon faz surgir do mar um touro branco como presente a Minos, rei de Creta, sob a condição de o rei oferecer o touro em sacrifício. O animal é tão belo que Minos decide não sacrificá-lo. Furioso, Poseidon vinga-se, inspirando na rainha Pasifae um louco amor pelo touro. A rainha pede ao talentoso Dédalo que construa uma vaca de madeira e couro, onde a rainha se esconde. O touro, confundido pelas aparências, une-se a ela. Da estranha união entre Pasifae e o touro nasce o Minotauro, também chamado Astérion. Minos ordena então que Dédalo construa uma espécie de palácio-prisão para encerrar o monstro: o labirinto. Segundo André Peyronie, no verbete *Minotauro*, do *Dicionário de mitos literários* (Brunel, 1998, p. 645),

O Minotauro é um monstro cuja aberração resulta da maneira como foi concebido. Sua pré-história é, desse ponto de vista, tão importante quanto sua história. Sua vida, por outro lado, é muito pobre de aventuras (...). Sua história é correlata à do labirinto que lhe foi construído, a fim de que ele desaparecesse, e no qual ele espera. Espera, sem saber que Teseu virá matá-lo. Este é o único acontecimento de sua vida.

O conto de Borges mostra que uma vida sem acontecimentos não significa, necessariamente, uma vida sem conflitos ou sem profun-

---

1 Outros contos de Borges que também focalizam o labirinto: "Abenjacan, o Bokari, morto em seu labirinto" e "Os dois reis e os dois labirintos", ambos publicados em *O Aleph*, e "A biblioteca de Babel", "O jardim de caminhos que se bifurcam" e "A morte e a bússola", publicados em *Ficções* (1944).

didade. De certo modo, Borges prova, ao retirar o Minotauro das sombras da lenda, que nada escapa ao olhar singular da literatura. Uma vida em segredo pode também transformar-se em uma vida cheia de significações. Para chegar a esse nível, Borges reconfigura o papel do Minotauro e do labirinto.

A idéia tradicional do labirinto como *prisão* do monstro é substituída pela imagem da “casa”. Acompanhemos o relato do próprio Astérion no trecho a seguir:

Outra afirmação ridícula é que eu, Astérion, sou um prisioneiro. Repetirei que não há uma porta fechada, acrescentarei que não existe uma fechadura? Mesmo porque, num entardecer, pisei a rua; se voltei antes da noite, foi pelo temor que me infundiram os rostos da plebe, rostos descoloridos e iguais, como a mão aberta. Já se tinha posto o sol, mas o desvalido pranto de um menino e as rudes preces da grei disseram que me haviam reconhecido. O povo orava, fugia, se prosternava. (Borges, 2001, pp. 75-76)

A incursão de Astérion pelas ruas mostrou-se extremamente desastrosa, pois sua presença gerou pânico e repulsa entre os homens. É interessante observar também, no relato de Astérion, a descrição dos rostos humanos, *descoloridos e iguais*, como a destacar, mesmo que por via inversa, a *diferença* entre o Minotauro e os homens. A natureza do Minotauro, metade homem, metade touro, não encontra *saída* do mundo animal, nem *entrada* para o mundo humano. Fadado ao isolamento, Astérion só pode encontrar o *semelhante* nos jogos da imaginação, como lemos no trecho a seguir:

Mas, de tantas brincadeiras, a que prefiro é a de outro Astérion. Finjo que ele vem visitar-me e que eu lhe mostro a casa. Com grandes reverências, digo-lhe: ‘Agora voltamos à encruzilhada anterior’ ou ‘Agora desembocamos em outro pátio’ ou ‘Bem dizia eu que agradaria o pequeno canal’ ou ‘Agora verás uma cisterna que se encheu de areia’ ou ‘Já

verás como o porão se bifurca'. Às vezes me engano e os dois nos rimos, amavelmente. (Borges, 2001, pp. 76-77)

Questões de identidade e alteridade se desdobram continuamente nos escaninhos da literatura. Quando essas questões são colocadas no espaço do labirinto, porém, suas ressonâncias multiplicam o saldo simbólico residual do mito. Impossibilitado de conviver com a *diferença*, sem encontrar no mundo a *semelhança*, Astérion espera ansiosamente a vinda de um “redentor”, que o libertará para sempre de sua condição, como lemos no trecho a seguir:

Cada nove anos, entram na casa nove homens para que eu os liberte de todo o mal. Ouço seus passos ou sua voz no fundo das galerias de pedra e corro alegremente para procurá-los. A cerimônia dura poucos minutos. Um após outro, caem, sem que eu ensangüente as mãos. Onde caíram, ficam, e os cadáveres ajudam a distinguir uma galeria das outras. Ignoro quem sejam, mas sei que um deles profetizou, na hora da morte, que um dia chegaria meu redentor. Desde esse momento a solidão não me magoa, porque sei que vive meu redentor e que por fim se levantará do pó. Se meu ouvido alcançasse todos os rumores do mundo, eu perceberia seus passos. Oxalá me leve para um lugar com menos galerias e menos portas. Como será meu redentor? — me pergunto. Será um touro ou um homem? Será talvez um touro com cara de homem? Ou será como eu? (Borges, 2001, p. 78)

Libertar os homens de todo o mal é, na verdade, um eufemismo para a morte. Nesse trecho é muito relevante as indagações de Astérion sobre a identidade de seu redentor: *Será um touro ou será um homem? Será talvez um touro com cara de homem? Ou será como eu?* Essas indagações demonstram que o conflito de Astérion passa pelas questões da identidade e da alteridade. Mark Millington, ao comentar os espaços da subjetividade no conto de Borges, chama a atenção sobre o desejo de Astérion em ser outro.

Este desejo de ser visitado por outros é (ao menos parcialmente) realizado na chegada regular a cada nove anos de nove visitantes. Asterión fala em libertá-los de todo mal, como se fosse ele próprio um redentor, mas essa expressão significa afinal que ele mata os intrusos, uma combinação que repete sugestivamente a ambivalência prévia entre a agressão contra o desejo do outro. Essa agressão, o esforço em eliminar o outro, indica a tentativa de renovação de uma fronteira, de uma separação absoluta. Por outro lado, sua resposta à previsão de que o redentor virá é desejar aquele outro, lamentar seu isolamento e brincar com as permutações de identidade do outro. (Maciel & Marques, 1997, p. 96).

Desse modo, Millington identifica, no conto, um jogo de espelhos, que consiste em projetar a imagem do eu no outro, um ser desejando um outro que, de algum modo, já é ele mesmo. A identidade do outro, além disso, é tão cheia de variações possíveis (touro? homem? homem-touro?) que enfatiza a incerteza sobre a disposição da identidade em relação a si mesmo. No entanto, não demorará muito para Astérion perceber que ser de um modo diferente, em suas condições, equivale a não-ser. Nesse instante, seu redentor se transforma em seu algoz, e a morte, em libertação do labirinto.

O labirinto está, desse modo, associado a uma experiência quase mítica que envolve uma *busca* e, simultaneamente, uma *perda*. Entrar no labirinto é perder-se nele, como afirma Gaston Bachelard (1990, p. 163):

Assim também, no labirinto, o ser é ao mesmo tempo sujeito e objeto conglomerados em *estar perdido*. É esta situação típica do *estar perdido* que revivemos no sonho labiríntico. Perder-se, com todas as emoções que isso implica, é portanto uma situação manifestamente arcaica. À menor complicação — concreta ou abstrata — o ser humano pode achar-se de novo em tal situação.

No caso de Astérion, *estar perdido* significa estar preso às contingências de sua própria existência, e sua existência é indissociável do labirinto. O labirinto, visto por esse ângulo, é apenas a extensão de uma experiência já suportada na carne.

Podemos então entender o labirinto como a metáfora do mundo e da rede infinita de relações entre os indivíduos. Gaston Bachelard (1990, p. 164), ao tratar dos devaneios em torno da imagem do labirinto, tece o seguinte comentário:

A síntese que é o sonho labiríntico acumula, ao que parece, a angústia de um passado de sofrimento e a ansiedade de um porvir de infortúnios. O indivíduo fica preso entre um passado bloqueado e um futuro obstruído. Fica aprisionado num caminho. Enfim, estranho fatalismo do sonho labiríntico: volta-se às vezes ao mesmo ponto, mas jamais se volta para trás.

A partir do comentário de Bachelard sobre o sonho labiríntico, podemos compreender que Astérion está perdido entre *um passado bloqueado* (sua estranha concepção) e um *futuro obstruído* (a repetição eterna dos mesmos gestos insignificantes até a morte). Entre o nascimento e a morte, tudo o que Astérion encontra em seu labirinto é mais do mesmo, o eterno retorno de todas as coisas. Percebemos a angústia gerada por essa situação através da seguinte descrição do labirinto, feita por Astérion:

Todas as partes da casa existem muitas vezes, qualquer lugar é outro lugar. Não há uma cisterna, um pátio, um bebedouro, um pesebre; são catorze [são infinitos] os pesebres, bebedouros, pátios, cisternas. A casa é do tamanho do mundo; ou melhor, é o mundo. Todavia, à força de andar por pátios com uma cisterna e com poeirentas galerias de pedra cinzenta, alcancei a rua e vi o templo dos Machados e o mar. Não entendi isso até que uma visão da noite me revelou que também são catorze [são infinitos] os mares e os templos. (Borges, 2001, p. 77)

Astérion constata não somente que o labirinto é o mundo, mas também que o mundo é um labirinto. Ele experimenta uma descoberta extraordinária ao perceber que sua “casa”, de infinitos pátios e infinitas galerias, na verdade, é apenas parte de um mundo de infinitos mares e infinitos templos. Astérion compreende que vive em um labirinto *dentro* de outro labirinto. Não há, portanto, saída possível desse mundo de infinitos, senão na morte. Para o problema do ser, Astérion propõe o não-ser como solução.

### BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da identidade.** Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. “Borges, leitor do Quixote”. In **Cult – Revista Brasileira de Literatura** n° 25. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph.** Tradução Flávio Cardozo. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2001.

BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários.** Tradução Carlos Sussekind... [et al.]. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MILLINGTON, Mark. “Lendo/lutando: Onetti com/contra Borges”. In MACIEL, Maria Esther & MARQUES, Reinaldo. **Borges em dez textos.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.